

Romi Auth, FSP

Introdução ao estudo das formas literárias do Segundo Testamento

A Palavra de Deus em linguagem humana

A Bíblia como Literatura – 3



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Auth, Romi

Introdução ao estudo das formas literárias do Segundo Testamento :
a palavra de Deus em linguagem humana / Romi Auth. – São Paulo :
Paulinas, 2021.

200 p. (Bíblia em comunidade – Bíblia como literatura 3)

ISBN 978-65-5808-091-6

1. Bíblia - Linguagem e estilo 2. Bíblia como literatura 3. Bíblia.
N.T. – Estudo e ensino I. Título II. Série

21-3044

CDD 220.66

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia como literatura 220.66

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Capa: *Maryanne França Rodrigues*

Diagramação: *Tiago Filu*

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

SAB – Serviço de Animação Bíblica

Av. Afonso Pena, 2.142 – Bairro Funcionários

30130-007 – Belo Horizonte – MG

Tel.: (31) 3269-3737 – Fax: (31) 3269-3729

e-mail: sab@paulinas.com.br

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

©Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

*Gratidão imensa pela revisão de:
Zuleica Aparecida Silvano,
Joaquim Duque Filho,
Maria Natália Duque Caldeira e
Maria Aparecida Duque*

Sumário

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 9 |
| Introdução | 13 |
| 1. Importância do estudo das formas literárias no Segundo Testamento | 17 |
| 1.1. O caminho para a exegese de um texto | 18 |
| 1.2. Critérios gerais para classificar os gêneros literários do Segundo Testamento | 21 |
| 1.3. Critérios orientadores para o estudo dos gêneros literários do Segundo Testamento | 22 |
| 1.4. Gêneros e formas literárias do Segundo Testamento | 27 |
| 2. Gêneros abrangentes de textos analógicos e figurativos | 37 |
| 2.1. Textos analógicos e figurativos | 37 |
| 2.1.1. <i>Exemplo</i> | 39 |
| 2.1.2. <i>Comparação</i> | 42 |
| 2.1.3. <i>Metáfora</i> | 43 |
| 2.1.4. <i>Alegoria</i> | 48 |
| 2.1.5. <i>Parábola</i> | 50 |
| 3. Gêneros abrangentes simples | 71 |
| 3.1. Sentenças | 71 |
| 3.2. Ditos de Jesus | 76 |
| 3.3. Os discursos | 77 |
| 3.4. Creias e apotegmas | 86 |
| 3.5. Argumentação | 95 |
| 4. Gêneros de aconselhamento | 105 |
| 4.1. Exortação | 105 |
| 4.2. Bem-aventuranças | 107 |
| 4.3. Parênese | 109 |

| | |
|---|-----|
| 4.4. Catálogos de virtudes domésticas e listas de deveres | 113 |
| 4.5. A admoestação | 119 |
| 4.6. Normas para as comunidades | 128 |
| 5. Gêneros visionários e de proclamação..... | 131 |
| 5.1. Descrição de aspectos e figuras | 131 |
| 5.2. Listas e catálogos | 138 |
| 5.3. Proclamação..... | 140 |
| 5.4. Aclamação..... | 141 |
| 5.5. Doxologias | 143 |
| 5.6. Hinos..... | 144 |
| 5.7. Oração..... | 147 |
| 5.8. Diálogo..... | 149 |
| 5.9. Relatos de vocação | 151 |
| 5.10. Vaticínios | 156 |
| 5.11. Gêneros visionários e apocalípticos..... | 158 |
| 5.12. Os doentes no Segundo Testamento..... | 168 |
| 5.13. Monólogos | 175 |
| 5.14. Etiologia | 176 |
| 5.15. Relatos sobre mártires..... | 176 |
| 5.16. Encômio..... | 180 |
| 6. Gênero apologético..... | 185 |
| 6.1. Escritos apologéticos do Segundo Testamento | 186 |
| Conclusão..... | 195 |
| Referências bibliográficas..... | 197 |

Apresentação

A Introdução ao estudo das formas literárias do Segundo Testamento: Palavra de Deus em linguagem humana não tem a pretensão de ser um estudo exaustivo. Se, por um lado, tratar deste assunto é uma ousadia, por outro, é um grande desafio abordá-lo a partir de um texto-base muito rico, amplo, mas ao mesmo tempo difícil e árido como o de Klaus Berger: *As formas literárias do Segundo Testamento*.¹ Trata-se de um texto com muitas informações, divisões e subdivisões, impossível de ser seguido em todos os detalhes pelos seus leitores. Contudo, ele serviu de base para estruturar o esquema geral, com o auxílio de outras obras e autores menos técnicos e mais acessíveis ao público a quem se destina este livro: as animadoras e os animadores da Palavra que atuam nas diversas pastorais.

O estudo sobre formas literárias não contempla as formas e os gêneros literários tradicionais, como o épico, o lírico, o dramático e outros que se queira incluir, mas, sim, apenas os que foram usados nos escritos do Segundo Testamento. Deus nos fala indiretamente por meio de pessoas chamadas por ele, ou que sentiram o seu chamado e se colocaram a serviço de sua Palavra. Faz-se necessário, então, conhecer o jeito de os autores humanos expressarem o seu pensamento nas formas literárias conhecidas em uso no seu tempo e ao longo da história dos escritos bíblicos. Desconhecer isso significa interpretar incorretamente a sua mensagem.

Essa é também a recomendação da Constituição Dogmática sobre a revelação divina, a *Dei Verbum*, sendo muito feliz ao afirmar que:

¹ BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola. 1998.

Deus na Sagrada Escritura falou por meio dos homens e à maneira humana; o intérprete da Sagrada Escritura, para saber o que ele quis comunicar-nos, deve investigar com atenção o que os hagiógrafos realmente quiseram significar e que aprouve a Deus manifestar por meio das suas palavras.²

Mesmo que o assunto das formas literárias presentes no Segundo Testamento seja mais exigente para as pessoas que desejam estudar a Bíblia como literatura, não deixa de ser interessante atentar para essas formas, também para captar melhor a mensagem do texto. A dificuldade maior talvez seja pelo fato de que muitas pessoas tiveram uma iniciação precária sobre o assunto no estudo da língua portuguesa. Ainda que se tenha ouvido falar em metáforas, parábolas, alegorias e outras figuras de linguagem, esse estudo geralmente é pouco aprofundado. Elas tinham um sentido para as comunidades no seu tempo, como têm para nós hoje.

Este estudo da Bíblia como Literatura faz parte do terceiro nível do Curso Bíblia em Comunidade e trata, fundamentalmente, da linguagem, das formas e dos gêneros literários, métodos de estudo e abordagens dos escritos bíblicos. O primeiro nível, Visão Global da Bíblia, coloca as bases para o bom entendimento dos escritos bíblicos. Ele apresenta o pano de fundo de toda a Bíblia, desde o seu contexto histórico, geográfico, até os escritos bíblicos que provavelmente surgiram em cada período da história do povo da Bíblia. O segundo nível trata das Teologias Bíblicas e aborda as diferentes visões de Deus que transparecem nos escritos bíblicos surgidos ao longo da história.

É graças ao esforço de tantos homens e mulheres dedicados ao anúncio e à pregação dos ensinamentos, sinais e gestos

² CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a revelação divina. São Paulo: Paulinas, 1996. n. 2, p. 16. (A Voz do Papa 37).

de Jesus que temos acesso hoje a essa riqueza e podemos alimentar a nossa espiritualidade, além de nos tornar, assim como as primeiras comunidades cristãs, anunciadores dessa Palavra que já saciou a sede e a fome de Deus de muitos ao longo destes séculos; e é o que se continuará fazendo por meio dos seguidores de Jesus nos tempos atuais e vindouros.

As pessoas que fazem a experiência da Palavra não conseguem mais deixar esse caminho, conforme o testemunho de uma ex-cursista:

Tenho me enriquecido nos conteúdos, na espiritualidade, em criatividade, em novas metodologias. Além de ter o privilégio de conviver com pessoas maravilhosas que buscam o mesmo ideal, e com elas poder servir ao povo de Deus, com maior serenidade e segurança, colocando-me a serviço da Palavra, na minha paróquia e onde me chamarem (M.A.D.).

Esta é a proposta do Serviço de Animação Bíblica: preparar e qualificar as pessoas no conhecimento bíblico, oferecendo-lhes condições de experimentar a Palavra de Deus em suas vidas, por meio do Curso Bíblia em Comunidade, e tornando-as multiplicadoras da Palavra, pois: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, o que nossas mãos apalparam do Verbo da Vida, [...] o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos” (1Jo 1,1-2).

Desse conhecimento e dessa experiência vivida por meio do estudo, da reflexão, da partilha e da oração iluminada pela Palavra de Deus, nasce a missão de anunciar essa Palavra no ambiente em que se vive e se trabalha, realizando sua vocação de batizado em prol do Reino de Deus.

Introdução

Todo pensamento humano traduzido em palavras pode ser transformado em texto falado e/ou escrito, carregando na sua forma seu gênero literário; e isso acontece tanto na literatura universal quanto na literatura bíblica. Conhecer essas formas, respeitar a intenção do autor, seu contexto histórico e suas características e, muitas vezes, a “cruza” e a veracidade de sua mensagem que incomodou a sociedade de seu tempo e que ainda hoje incomoda, é muito importante e necessário para tocar os corações, a fim de ser acolhida e interpelar mudanças.

Para descobrir a intenção dos hagiógrafos, devem ser tidos também em conta, entre outras coisas, “os gêneros literários”. Com efeito, a verdade é proposta e expressa ora de um modo, ora de outro, conforme se trata de gêneros históricos, proféticos, poéticos ou outros. Importa, por isso, que o intérprete busque o sentido que o hagiógrafo, em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretendeu exprimir e de fato exprimiu com a ajuda dos gêneros literários então usados. Com efeito, para entender corretamente o que o autor sagrado quis afirmar, deve ater-se convenientemente quer aos modos nativos de sentir, dizer ou narrar em uso nos tempos do hagiógrafo, quer àqueles que costumavam empregar-se nas relações entre os homens de então.¹

As formas ou os gêneros literários não têm um fim em si mesmos, nem pretendem encher o leitor de conhecimentos

¹ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, p. 16.

teóricos, mas sim são uma das ferramentas importantes para a compreensão da Bíblia. O seu conhecimento favorece uma hermenêutica libertadora mais consciente dos escritos do Segundo Testamento, bem como ajuda a alimentar a fé das pessoas, fazendo com que encontrem maior sentido para suas vidas e em sua caminhada rumo à vida plena.

O primeiro capítulo mostrará a *Importância do estudo das formas literárias do Segundo Testamento*: evangelho, cartas, historiografia (Atos) e Apocalipse. Em cada um desses gêneros é feita uma releitura de muitos textos do Primeiro Testamento. Apresenta-se o ambiente onde nasceram os escritos, os critérios gerais usados para classificar os seus gêneros literários e os critérios específicos para seu estudo. Por fim, são mostrados os critérios orientadores para o estudo dos gêneros literários do Segundo Testamento.

Os gêneros abrangentes constituem o estudo do segundo e terceiro capítulos. Tratam fundamentalmente da relação que se estabelece entre o autor e o leitor, entre duas realidades ou dois elementos, ou ainda entre dois níveis que se dispõem nos textos analógicos e figurativos, por exemplo, comparação, metáfora, alegoria e parábola.

No terceiro capítulo são estudadas ainda outras formas literárias, com um nível menor de exigência para sua compreensão. Também fazem parte dos gêneros abrangentes as sentenças, os discursos nos sinóticos e em Atos, os discursos testamentários, as creias/apotegmas e a argumentação.

O quarto capítulo abordará os gêneros de aconselhamento em suas diversas formas, como: exortações, bem-aventuranças, parêneses (no final das cartas, contra hereges e falsos mestres e sobre o martírio), catálogo de virtudes domésticas/lista de deveres/vícios, admoestações fundamentais, admoestações para situações especiais e o discurso normativo.

No quinto capítulo serão desenvolvidos os gêneros promocionais e os gêneros visionários proclamacionais. São próprias desse gênero as descrições detalhadas sobre personagens e os aspectos característicos com os quais se apresentam as visões, como no livro do Apocalipse, de modo especial, mas também nos evangelhos. Esse gênero também abarca a: proclamação, aclamação, doxologias, hinos, oração, diálogos, relatos de vocação, vaticínios, relatos de cura/narrativas de milagres, monólogos, etiologias, relatos sobre mártires e encômios.

O sexto e último capítulo reflete sobre os gêneros apologeticos no Segundo Testamento, que são essencialmente textos de autodefesa ou de defesa de outrem, ou mesmo de uma causa, que aparece praticamente em todos os escritos, mas de modo especial nas cartas paulinas. Paulo foi o primeiro grande missionário de Jesus Cristo que transpôs as fronteiras e foi muito incompreendido e perseguido por causa da mensagem que anunciava. Por essa razão, muitas vezes recorre à defesa do Evangelho e à autodefesa.

Deseja-se, ainda, que este estudo ajude as pessoas a superar com menor esforço as dificuldades de linguagem que normalmente encontram, devido à distância do tempo e da mentalidade em que nasceram esses escritos. Isso é algo que vale qualquer esforço, pois são de uma riqueza incalculável. Oxalá nada disso as impeça de crescer, sobretudo, na experiência e no conhecimento dessa Palavra de Vida, para saboreá-la melhor e encontrar, por meio dela, o sentido maior para suas vidas, desfrutando da beleza e da profundidade dos escritos do Segundo Testamento.

Capítulo 1

Importância do estudo das formas literárias no Segundo Testamento¹

O conhecimento das formas literárias é imprescindível para o correto entendimento e a melhor compreensão do texto bíblico, pois cada autor bíblico escolhia a forma ou gênero literário que melhor respondesse ao conhecimento da realidade de seu povo, de suas necessidades, da forma de comunicação habitual entre eles, do objetivo que o autor desejava alcançar. Tudo era pensado criteriosamente: o que priorizar? O que omitir? Como simplificar, selecionar, ressaltar ou mesmo criar para melhor responder ao plano da salvação de Deus para o seu povo.

De fato, o interesse maior dos autores bíblicos em suas narrativas é mostrar a ação extraordinária de Deus em favor do povo, servindo-se da mediação humana. Mesmo ao descrever de forma extraordinária certos fatos, muitas vezes não conseguiam traduzir a intensidade da experiência vivida, descrevendo-a em uma linguagem figurada, outras vezes como verdadeiros milagres.

Todas as formas carregam o seu significado no estudo bíblico. Mesmo que a Bíblia seja considerada um texto sagrado

¹ O livro de Klaus Berger, *As formas literárias do Novo Testamento*, serviu de base para a elaboração deste estudo, que é apresentado de forma mais sucinta e simplificada.

para judeus, cristãos e muçulmanos, cada livro não deixa de ser uma obra literária, contendo muitas formas e gêneros literários, como os demais escritos não bíblicos, contemporâneos ao Primeiro e ao Segundo Testamento.

Os gêneros literários nascem com a língua materna e, assim como as regras gramaticais elementares são assimiladas pelo ouvido e com o tempo chegam a ser abstraídas, do mesmo modo muitas “formas e gêneros literários” usados no Primeiro Testamento pelo judaísmo e pelo helenismo são assumidos nos escritos nascentes do Segundo Testamento, pois o ambiente em que eles nasceram são do final do século I e início do século II da E.C.

O estudo da “crítica das formas” literárias faz parte do “método histórico-crítico”, que visa identificar as formas mais ou menos fixas usadas para conhecer tanto as características dos gêneros literários como a intenção do autor ao escolher aquela forma ou gênero, e ainda como essas formas e seus respectivos gêneros foram empregados.²

1.1. O caminho para a exegese de um texto

A finalidade da exegese é levar à melhor compreensão do texto bíblico, por meio da sua hermenêutica, pois a distância de tempo, lugar e mentalidade entre o texto e o seu leitor supõe uma mediação. O leitor precisa ter noções elementares sobre a língua, o contexto histórico no qual foi escrito o texto, além de conhecer as condições socioeconômicas, culturais e religiosas da época. É recomendável também saber quem são os destinatários e qual a finalidade de cada livro. Não há uma exegese séria sem que esses pressupostos

² WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 167.

sejam claros para o próprio exegeta. Ele deve, antes de tudo, clareá-los para si mesmo, por meio de critérios científicos, com o conhecimento e a aplicação de métodos que o ajudem a analisar o conteúdo dos escritos, para esclarecê-los aos seus leitores.

Um dos primeiros passos a serem dados para a exegese de um texto bíblico é o estudo das formas literárias. Exegese significa retirar do texto bíblico o seu significado mais profundo, que o anima. Ela busca a “palavra de vida” que dá sentido à vida dos fiéis e alimenta a sua fé. A exegese, enquanto interpretação científica das Escrituras, baseia-se em critérios literários e históricos. É a soma de características de *estilo*, de *sintaxe* e de *estrutura*.

Esses são os elementos formais típicos de um texto, em confronto com outros textos iguais, em parte ou totalmente, que formam o mesmo gênero literário. Em outras palavras, o gênero literário de um texto é formado pelas mesmas características que se relacionam entre si e se repetem em outros textos, por exemplo: no gênero literário dos *oráculos proféticos* não podem faltar o profeta, o povo e o anúncio da Palavra de Deus. Esse oráculo pode ser de salvação ou de condenação.

Os gêneros do Segundo Testamento recebem nomes característicos já no enunciado dos escritos: evangelhos, historiografia, cartas, Apocalipse. Nesses grandes blocos de gêneros literários, há os gêneros literários menores, normalmente conhecidos como “formas literárias”, que existem em cada um deles, como: discursos, narrativas de milagre, narrativas de viagem e outros. Eles se adequam ao mesmo contexto histórico vivido no século I da E.C. e tentam iluminar, animar os cristãos e as primeiras comunidades a superar as dificuldades e os problemas para serem fiéis e testemunharem a sua fé em Jesus, que haviam abraçado.

Por que é importante conhecer as formas e gêneros literários?

As formas literárias nos revelam aquilo que estava em uso na época, que era compreensível para os ouvintes e leitores em cada tempo: a realidade da comunidade que está por trás do texto; a forma e o gênero literário utilizado para melhor impressionar, persuadir, mover e levar os leitores a uma tomada de consciência e à mudança de atitudes, para mantê-los firmes na fé. Por isso, o estudo de cada texto possibilita-nos avaliar e comparar as características que existem entre eles.

Exemplo disso é a parábola do pai misericordioso (ou do filho pródigo), em Lc 15,11-32. Ela pode ter sido uma unidade literária desde o início, mas também ter sido construída em duas unidades separadas (Lc 15,11-24 e 15,25-32), e recebido, posteriormente, a parte final sobre o filho mais velho (Lc 15,25-32). Isso porque, se essa segunda parte fosse subtraída, em nada leitaria o sentido do texto. Por outro lado, deixaria de enriquecer a análise no seu conjunto, limitando a sua interpretação.

A primeira parte da parábola desenvolve-se sem conflitos: a atitude do pai que acolhe a partida do filho mais novo, a dissipação, o afastamento da casa paterna, a queda humilhante, as privações, a saudade da casa paterna, o retorno à nova vida, o abraço sem recriminações e a festa (vv. 11-24). Na segunda parte da parábola, o filho mais velho não se alegra com o resultado. Não aceita nem compreende a “fraqueza” do pai em perdoar.

Faz lembrar o profeta Jonas, que não quer ser profeta de um Deus compassivo e clemente, paciente e misericordioso (Jn 4,2), capaz de deixar mal o profeta por perdoar os inimigos. Do mesmo modo, o irmão mais velho que regressa do trabalho no campo discorre em termos de retribuição comparativa, protesta contra o irmão e o pai. E o pai o faz ver que ele tem tudo, do bom e do melhor, com sua convivência; é convidado a aceitar

a misericórdia do pai e a reconciliar-se com o seu irmão arrependido, pois é o pai quem os torna filhos seus e irmãos entre si (vv. 25-32).

Essa narrativa de Lc 15 tem semelhanças com a de Mt 21,28-31. Trata-se do texto dos dois filhos, com semelhanças literárias na estrutura e na situação abordada, apontando, no final, para um novo caminho. O primeiro filho acolheu o pedido do pai, mas não foi trabalhar em sua vinha. Este pode representar o povo de Israel histórico, que aceitou a aliança com Deus no Sinai (Ex 19,8), mas não a cumpriu (Jr 2,20). O segundo filho, no entanto, disse que não ia trabalhar na vinha de seu pai, mas se arrependeu e foi.

O primeiro filho se comprometeu e não foi; e o segundo filho não se comprometeu, mas se arrependeu e foi. Essas narrativas nasceram num contexto no qual os cristãos buscavam a sua identidade no judaísmo, de onde muitos tinham vindo, mas já não conseguiam mais se identificar com ele. Os que tinham vindo do judaísmo aceitaram o convite de João Batista para o arrependimento (Mt 3,2.6.8), e os pagãos se arrependeram e creram em Jesus. E todos, os cristãos vindos do judaísmo e os pagãos, se encontraram em Jesus e o seguiram como Verdade, Caminho e Vida (Jo 14,6).

1.2. Critérios gerais para classificar os gêneros literários do Segundo Testamento

Todo texto tem um gênero literário, seja ele longo ou curto. Os textos longos podem ter vários gêneros literários, porque geralmente retratam diversas situações existenciais da vida humana no mesmo texto. Assim, no gênero evangelho temos diversos gêneros literários, porque são muitas as situações humanas relatadas em cada um deles. Há os gêneros maiores

identificados com evangelho, carta, historiografia e Apocalipse, cada uma contendo muitas formas literárias menores.

Aliás, até mesmo uma unidade literária menor pode ter mais de um gênero literário, como em: Mc 14,32-42. O gênero literário desse texto é a *oração de súplica*. Jesus, no Horto das Oliveiras, reza ao Pai e, no versículo 38, faz uma *advertência* aos discípulos que dormiam, em vez de rezarem com ele. Jesus reza três vezes ao Pai e torna-se *exemplo* de oração. No mesmo texto paralelo do Evangelho segundo Lucas, o céu vem ao encontro de Jesus em oração, e ele é confortado por meio de um anjo (Lc 22,43).

Há, ainda, gêneros limítrofes com uma combinação de gêneros diferentes: de repreensão com o de exortação; de acusação com o de denúncia. São muito semelhantes, mas trazem a própria especificidade. Se é um texto de aconselhamento, visa mover o ouvinte/leitor a agir ou a se omitir de uma ação; se é um texto visionário e de proclamação, tende a impressionar o/a ouvinte/leitor, levando-o/a a sentir admiração ou repulsa; e, quando se trata de defesa, tem o intuito de levar o ouvinte/leitor a posicionar-se a favor ou contra, como veremos ao longo deste estudo.

1.3. Critérios orientadores para o estudo dos gêneros literários do Segundo Testamento

A abordagem dos gêneros literários antigos, presentes tanto nos escritos do Primeiro quanto do Segundo Testamento, pressupõe alguns critérios: o respeito à autonomia do texto, à originalidade, à forma e ao conteúdo. Esses princípios são importantes e necessários para dar unidade ao estudo, respeitar a sua autonomia e favorecer a compreensão dos seus conteúdos. Não se trata, portanto, de modificá-los ou de adaptá-los à modernidade, mas de respeitar a sua identidade, colher o seu

significado para o povo de Deus hoje. Por isso, aqui seguem alguns critérios que foram levados em conta no estudo dos gêneros literários.

A estrutura sintática e sua relação interna entre as partes

A estrutura sintática e a relação que há entre os elementos constitutivos do período: sujeito, verbo, complementos circunstanciais, como tempo, modo, aspecto, lugar etc. Essa dinâmica pode ser interna ao texto ou em relação ao todo do texto, ou seja, intra e intertextual. No gênero da exortação condicional, por exemplo, existe uma relação bem definida entre a proposta da primeira parte da frase e as consequências da realização da condição na segunda parte do enunciado.

Para a análise sintática é necessário perceber o texto em seus detalhes, mas também no seu conjunto. Assim, é preciso segmentar o texto, separando em linhas as suas proposições, ou seja, analisar cada oração. Primeiramente, observar o *sujeito gramatical*, pois existem gêneros literários que privilegiam determinado pronome, como eu, nós, vós. Por exemplo: o uso do pronome pessoal *eu* indica que está sendo usado para auto-defesa ou apresentação da autobiografia, ou, ainda, para uma prestação de contas. O uso de *vós* dirige-se aos destinatários da comunicação ou exortação. E o uso de *nós* aparece predominantemente em narrativas de viagem. Isso poderá ajudar na identificação do gênero.

Outro elemento importante é perceber o modo, o aspecto e o tempo verbal. Um exemplo é no uso do imperativo, que pode indicar exortação e o futuro vaticínio ou predição, embora isso não deva ser entendido de forma absoluta, como em Ap 6,16-17: “Desmoronai sobre nós e escondi-nos da face daquele que está sentado no trono, e da ira do Cordeiro, pois chegou

o Grande Dia da sua ira e quem poderá ficar de pé?”. Este texto não pode ser interpretado como exortação, mas sim como juízo, pois se assemelha mais a um grito de desespero, como se não houvesse mais nenhuma saída.

Semântica: o significado das palavras

Quando se entende o que a palavra “semântica” significa torna-se fácil a sua compreensão e importância para qualquer estudo, principalmente para a Bíblia. Ela incorpora o significado e o sentido das palavras no texto. Esta afirmação supõe o conhecimento do vocabulário, como se pronunciam as palavras, como são construídas as frases em uma determinada língua, a mudança de significação que as mesmas palavras sofrem ao longo do tempo nas frases: “Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6).

A palavra “semântica” se relaciona com outras palavras, como: *pressuposição* – enquanto conjectura antecipada; *polissemia* – quando a mesma palavra tem vários significados, ou, ainda, dependendo do contexto onde ela se encontra; por exemplo, a palavra “bolo”: usada num contexto de festa, trata-se de comida; mas, se usada no contexto de alguém que combinou um encontro com outra pessoa e falhou, tem outro sentido; *homônimos* – dizem respeito à identidade fonética de palavras diferentes, como: “são”, de sadio ou saudável e do verbo ser; “manga”, de roupa ou de fruta; *paráfrase* – é o desenvolvimento de um texto, de um livro, conservando a ideia original; há ainda outros termos mais conhecidos, como ambiguidade, metáfora.

Para o estudo das formas literárias, o significado das palavras é muito importante, pois elas correspondem aos campos semânticos próprios de cada gênero literário. Um texto de lei situa-se no campo jurídico e um texto de cura, no campo da saúde.

O texto e sua relação com o contexto

Situar o texto no contexto literário da obra significa identificar o seu lugar no conjunto dessa obra. Segundo a Bíblia de Jerusalém, o texto de Mt 11,25-27 se encontra na quarta parte do Evangelho segundo Mateus, sob o título: “O mistério do Reino dos Céus”, que é apresentada em duas partes. A primeira parte apresenta as *narrativas* e na segunda parte encontra-se o *discurso em parábolas*.

O contexto imediato que precede a perícope em questão é Mt 11,20-24. Trata-se de oráculo de condenação contra as cidades que se encontram às margens do lago de Genesaré: Corazim, Betsaida e Cafarnaum, por não terem se convertido diante dos muitos milagres que Jesus realizou ali. Se tivessem sido realizados em Tiro e Sidônia, haveria conversão e as cidades de Sodoma e Gomorra existiriam até hoje. E, mais ainda, para essas cidades haveria menor rigor no julgamento final do que para as que estavam próximas ao lago.

A perícope que está sendo analisada é a de ação de graças de Jesus ao Pai, pela revelação aos pequeninos, e não aos sábios e entendidos. Essa revelação faz parte dos mistérios do Reino dos céus. Os pequenos se abrem, acolhem e compreendem o anúncio de Jesus:

Por esse tempo, pôs-se Jesus a dizer: “Eu te louvo ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai e ninguém conhece o filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,25-27).

O texto que segue essa perícope é de autorrecomendação de Jesus: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso

de vosso fardo e eu vos darei descanso...”. Há uma referência à Lei como um fardo pesado, do qual Jesus aliviará os que o acolhem. A composição de Mt 11,25-30 integra o conjunto da autoapresentação de Jesus.

Metaníveis no texto

Os significados especiais oferecidos para o leitor vão além do texto, e a isso chamamos *metaníveis*.³ O autor do texto pode também se dirigir diretamente ao leitor: “Quando virdes a abominação da desolação instalada onde não devia estar, que o leitor entenda, então, os que estiverem na Judeia fujam para a montanha” (Mc 13,14a). Parece haver uma referência à tentativa do imperador Calígula de colocar sua estátua no Templo de Jerusalém, por volta dos anos 37-41 E.C., o que é abominável para o religioso judeu. O sentido metanível que o texto implicitamente revela é o da adoração de um ser humano retratado numa estátua, em lugar do Deus de Israel.

O envolvimento dos leitores no texto

O gênero de um texto não resulta apenas do texto, mas também da situação dos leitores. “Se alguém não vos recebe e não dá ouvidos às vossas palavras, saí daquela casa ou daquela cidade e sacudi o pó dos vossos pés...” (Mt 10,14). Esta é uma advertência para os leitores que, mais adiante, nos vv. 19-20, se torna uma advertência negativa para os apóstolos: “Quando vos entregarem, não fiquéis preocupados com o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai que falará em vós” (Mc 10,19-20). Quando os discípulos comparecem diante dos tribunais como acusados, na verdade, atuam como testemunhas, e o seu testemunho é comparado à palavra

³ *Metá*, do grego, significa “além” e indica sucessão de tempos.

profética, porque é o Espírito que colocará em sua boca a palavra certa, na hora certa.

O *tipo de relacionamento* que se estabelece entre o autor e o leitor determina também a classificação das formas literárias presentes no Primeiro e no Segundo Testamento. Muitos textos podem ser classificados como textos de *exortação, conselho*, que na língua grega são conhecidos como *symbolêutikós* (transliterado, simbulêuticos); textos *visionários/proclamação* são conhecidos como *epidéiktikós* (transliterado, epidícticos); e, por fim, os textos de *defesa, apologia*, como *dikanikós* (transliterado, dicânicos).

Os textos de *conselho ou aconselhamento*, conhecidos também como *simbulêutico*, trazem exortações, admoestações ou mesmo argumentações para mover alguém ou a comunidade a agir ou a se omitir em alguma ação nociva. Os textos visionários de *admiração ou proclamação*, conhecidos como *epidícticos*, impressionam – querem levar o leitor a sentir admiração ou repulsa. São textos que narram, descrevem coisas, pessoas, a ponto de suscitar no ouvinte ou leitor aceitação, rejeição ou medo. Os textos de *defesa ou apologéticos* são conhecidos como *dicânicos* e querem levar a pessoa a posicionar-se. Muitas vezes fazem parte de um processo do foro judicial.

Nos capítulos que seguem, daremos detalhes sobre as formas literárias mais utilizadas no Segundo Testamento.

1.4. Gêneros e formas literárias do Segundo Testamento

Nos escritos do Segundo Testamento são estudados quatro gêneros literários principais: evangelho, cartas, historiografia (Atos) e Apocalipse. Dentro desses grandes blocos, encontramos muitas formas literárias menores, como: parábolas, narrativas de milagre, metáforas, exortações, hinos etc.

Gênero evangelho

O gênero literário evangelho (*Euangélion*) não indica um tipo de literatura, mas refere-se à mensagem de salvação em si mesma, como é afirmado em Mc 1,1: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Este enunciado traz a identidade divina de Jesus e, uma vez escrito, passa a ser estudado como um gênero literário em suas diferentes linguagens: testemunho, exortação, parábolas, metáforas, narrativas de milagres etc. Nos manuscritos do Segundo Testamento, jamais encontramos a afirmação: “Evangelho de Marcos”, mas “Evangelho segundo Marcos”; do mesmo modo em relação aos demais evangelhos.

Um conjunto de regras e características comuns define o gênero literário de cada perícopé. Por exemplo, o texto narrativo, em prosa, tem características diferentes de um texto em versos, poesia, ou mesmo de gêneros literários ou formas literárias menores. O gênero “evangelho” tem como característica comum os quatro livros dos evangelhos, o testemunho sobre Jesus segundo Marcos, Mateus, Lucas e João. Porém, esse testemunho sobre o que ele falou, ensinou e fez é apresentado em grande diversidade de formas literárias, com características próprias e comuns, como as narrativas de vocação, da paixão, morte e sepultamento de Jesus, alegorias, exortações etc.

O termo “evangelho” é uma palavra transliterada do grego e significa “boa-nova”; é o próprio Jesus e o que é proclamado por ele ao anunciar o Reino de Deus; é a felicidade oferecida a todos. Mas, de fato, quem a acolhe preferencialmente são os pobres, os necessitados, enquanto a maioria dos ricos e poderosos basta a si mesma, é autossuficiente. Desse modo, o gênero literário “evangelho” não é uma biografia de Jesus, pois, se fosse, bastaria um, mas são textos que transmitem cada qual a experiência de fé de uma determinada comunidade de seguidoras e seguidores de Jesus.

Diversas cartas de Paulo chamam de evangelho o seu anúncio de Jesus Cristo, como, por exemplo, a Carta aos Gálatas, embora o estudo desse gênero literário seja feito sobre o texto escrito e não sobre o Evangelho, enquanto mensagem de Jesus. Esse termo é mais antigo e conhecido, mesmo antes da época de Jesus. Marcos, dentre os quatro evangelistas, foi o primeiro a identificar o seu escrito com “evangelho” (Mc 1,1).

Essa Boa-Nova se torna texto, história, relato das palavras e dos sinais/prodígios realizados por Jesus, que são oferecidos na forma de testemunhos sobre sua pessoa. Jesus proclama a Boa Notícia do Reino de Deus e, ao mesmo tempo, ele é a Boa Nova proclamada pelos seus discípulos. Ele é a Boa Notícia para todos os que o acolhem, de modo especial para os pequenos, os pobres, os excluídos do seu tempo, em meio aos quais viveu e atuou.

Do Evangelho aos evangelhos

A palavra “evangelho” era conhecida e usada para anunciar notícias importantes a respeito do imperador ou de suas vitórias militares. Da mesma forma Lucas, que conhecia bem a literatura de seu tempo, se inspirou nela para descrever o nascimento de Jesus nos moldes dos anúncios de nascimentos imperiais: Lc 2,10-11. Nessa perícopes temos a “grande alegria”, a Boa-Nova da chegada do Salvador, não só para os que são próximos, mas para todo o povo. Essa Boa-Nova encontra-se nos quatro evangelhos, e tem também como característica demandar o leitor ou a leitora a deixar-se interpelar e aderir ou não a Jesus Cristo.

Apenas os quatro evangelhos constituem o gênero literário “evangelho”, e esse não teve continuidade em outros escritos. Os quatro evangelhos são, na verdade, sínteses complexas de assuntos e interesses em torno de Jesus, de suas palavras e

sinais do seu movimento após a sua morte. As primeiras comunidades cristãs foram nascendo por toda parte e anunciando essa Boa-Nova.

Os evangelhos são, de fato, a parte central do Segundo Testamento.⁴ Para os cristãos, Jesus é o ápice da revelação de Deus de toda a Bíblia. Torna-se, por isso, importante conhecermos o caminho da exegese católica em relação aos evangelhos.⁵ Com efeito, ela tem uma tarefa muito importante, que é esclarecer e explicar aos cristãos os evangelhos e as cartas, servindo-se de ciências auxiliares, como a história, a arqueologia e outras, para a compreensão do contexto helenístico, judaico e romano da época de Jesus.

Após o século II da E.C. e ao longo dos séculos seguintes, nasceram os evangelhos apócrifos, fortemente apologéticos, que tratam preferencialmente de detalhes da infância, da vida oculta de Jesus, de sua paixão. Alguns deles tentam preencher as “lacunas deixadas” pelos evangelhos sobre a vida oculta de Jesus.

Os evangelhos não são biografias de Jesus, como foi mencionado anteriormente, embora existam elementos biográficos ao longo deles, de modo especial nos sinóticos. Assim como os escritos do Primeiro Testamento nasceram muito depois dos fatos, também os evangelhos nasceram anos depois da morte de Jesus. Os seus ensinamentos eram transmitidos pela pregação oral e muito depois foram fixados por escrito, tanto nos evangelhos quanto nas cartas. O gênero “carta” nasce com forma e estilo diferentes dos evangelhos, muito mais na linha da exortação e do estímulo às comunidades para seguirem as orientações das lideranças das comunidades.

⁴ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, p. 21.

⁵ FUSCO, V. Vangeli. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G.; GIRLANDA, A. *Nuovo dizionario di Teologia Biblica*. Torino: Paoline, 1988. p. 1610-1620.

Gênero literário “carta”

O gênero literário “carta” já era conhecido na época e praticado pelos helenistas e também pela tradição judaica. Alguns exegetas faziam distinção entre cartas e epístolas. As cartas teriam estilo e conteúdo mais pessoais, enquanto as epístolas, um cunho mais doutrinal e com orientações pastorais, como, por exemplo, a Carta aos Romanos. Mas essa distinção não existe mais. Segundo Johannes Beutler, não é possível aplicá-la nos escritos do Segundo Testamento.⁶

O gênero “carta” já era usado no Primeiro Testamento, no qual já encontramos a carta de Jeremias e a de Baruc.⁷ Há diferença entre as cartas antigas e as modernas em sua forma externa. As cartas de Paulo seguem normalmente a seguinte estrutura: *introdução*, contendo o nome do remetente, do destinatário e a saudação; *conteúdo*, com assuntos diversos, segundo a realidade de cada comunidade; e *conclusão*, que finaliza com uma saudação e bênção. A finalidade da carta é óbvia: a comunicação com as pessoas que estavam distantes, sem previsão de reencontro. A leitura dessas cartas era provavelmente feita nas reuniões da comunidade, pois elas tinham cunho pessoal/comunitário. Continham notícias de pessoas, informações de viagens, exortações para uma boa convivência e orientações sobre questões de fé, costumes e incentivo à vivência cristã.

As cartas eram enviadas para consolidar a fé das comunidades em Jesus e no ensinamento que haviam recebido. Elas assumiam formas e estilos da pregação missionária oral. Mesmo que fossem escritos ocasionais, endereçados a destinatários determinados, foram conservadas nas comunidades e lidas

⁶ BEUTLER, J. *Le lettere di Giovanni: introduzione, versione e commento*. Bologna: EDB, 2009. p. 12-13.

⁷ Jr 29,1-32: carta aos exilados; Baruc 6,1-72: carta aos que partem para o exílio, também de Jeremias.

também depois da morte de Paulo e de seus autores, porque suas palavras eram muito respeitadas e lhes serviam de orientação.

Os primeiros escritos no Segundo Testamento foram as cartas autênticas de Paulo. A comunidade de Tessalônica recebeu o primeiro escrito do Segundo Testamento: a Primeira Carta aos Tessalonicenses. A ela se seguiram outras seis cartas de autoria de Paulo (Primeira e Segunda aos Coríntios; aos Filipenses, a Filêmon, aos Gálatas, aos Romanos). As cartas aos Colossenses e aos Efésios e a Segunda Carta aos Tessalonicenses são consideradas cartas deuteropaulinas, provavelmente escritas por um de seus discípulos ou por um membro das comunidades fundadas por Paulo.

O livro *Hebreus* erroneamente foi identificado com a carta dirigida aos *Hebreus* e de autoria atribuída a *Paulo*. Porém, não é de Paulo, nem é carta, nem foi dirigida aos Hebreus; mas é uma homilia, feita por um cristão anônimo que se dirigia aos cristãos em geral, vindos predominantemente do judaísmo, segundo Vanhoye.⁸ Também a Carta de Tiago teria sido uma homilia. A Primeira Carta de João tem a forma de exortações edificantes.

As cartas pastorais são atribuídas a Paulo, mas não são dele. São elas: Primeira e Segunda Carta a Timóteo e a Tito. Eles são colaboradores que aparecem nas cartas autênticas de Paulo (Gl 2,1-3; 1Ts 3,12), mas os seus escritos são muito posteriores. O conteúdo assemelha-se a um manual de normas e orientações sobre o comportamento para as diferentes pessoas e grupos que formavam as comunidades cristãs, o que denota comunidades já mais estruturadas e organizadas. Há muitas advertências sobre as falsas doutrinas que ameaçavam a fé das comunidades.

⁸ VANHOYE, A. Ebrei. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G.; GIRLANDA, A. *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, p. 430-437.

Há, ainda, outras cartas que não constituem um escrito autônomo, mas estão inseridas em um livro, como nos Atos dos Apóstolos. Nele encontramos duas cartas: a *carta apostólica* (At 15,22-29), dirigida à comunidade de Antioquia, na Síria; e a *carta do tribuno Claudio Lísias*, enviada ao governador Félix, recomendando-lhe o prisioneiro Paulo, que seguia para Roma (At 23,25-35). Por fim, as cartas dirigidas às sete comunidades do Apocalipse aproximam-se bastante dos evangelhos sinóticos e dos escritos apocalípticos, pelas suas repreensões, lembranças e admoções (Ap 1,4–3,22).

Atos dos Apóstolos, uma historiografia?

O livro Atos dos Apóstolos leva impropriamente este nome, pois não é um relato da ação de todos os onze apóstolos, mas, na verdade, traz preponderantemente a atividade missionária de Pedro e de Paulo; são mencionados alguns apóstolos e diáconos da Igreja cristã primitiva.

É o único livro do Segundo Testamento que narra os acontecimentos, fatos de alguns personagens do Segundo Testamento, sem grande rigor cronológico. Ele tem acenos à historiografia, mas tanto o conteúdo quanto a forma carregam perspectivas históricas e teológicas do autor. O estilo é dramático e episódico, semelhante às obras históricas desse tempo. Os acontecimentos particulares são inseridos no todo da obra de forma coerente, sequencial, unitária, universal e compreensível, com um objetivo preciso. Os diversos discursos que aparecem ao longo do livro de Atos encontram ressonância nos discursos da historiografia grega. Embora esses tenham um objetivo mais teológico do que histórico, revelam uma preocupação com o anúncio do Evangelho.

Nesse período, ainda é comum a prática da pseudoepigrafia para conferir autoridade ao escrito e, desse modo, garantir

sua aceitação. Essa era uma forma de resolver dificuldades que nasciam no interno das comunidades.

*Gênero apocalíptico*⁹

No Segundo Testamento, o gênero literário apocalíptico encontra-se de modo especial no livro do Apocalipse de João e em alguns capítulos de outros escritos, como: Mc 13; Mt 24–25; Lc 17,20-37; 21,5-36; 1Cor 15; 2Pd 3,8-16; 1Ts 4,13–5,11 e 2Ts 2,1-12.

O pensamento apocalíptico traz características que se evidenciam, sobretudo, no livro do Apocalipse: a realidade está oculta, mas é revelada a um personagem privilegiado que a comunica aos demais. As revelações giram em torno de realidades cósmicas da história universal, do destino do povo de Deus, do “dia do Senhor”. Há uma separação radical entre o bem e o mal, bem como uma visão pessimista desse mundo dividido entre bons e maus, e uso intenso de símbolos e metáforas.

Igualmente, os tempos apocalípticos são caracterizados por três elementos: 1. A realidade é incompreensível; 2. O visionário também se surpreende e se questiona diante da realidade; 3. Um personagem celeste oferece explicações ao iluminado que recebe as revelações. Nem sempre estes três elementos estão presentes em todos os textos, mas no livro do Apocalipse são evidentes.

Evangelhos, cartas, historiografia de Atos e Apocalipse são os principais gêneros literários do Segundo Testamento, cada qual, porém, contendo muitas formas literárias que conheceremos no decorrer do estudo. Nesses mesmos gêneros está presente o gênero *didático*.

⁹ O gênero *apocalíptico* foi aprofundado no volume 2 da Terceira Série: Bíblia como Literatura, da Coleção Bíblia em Comunidade.

O gênero *legislativo* não pode ser separado da aplicação legal e moral, sobretudo em alguns textos, como no sermão da montanha de Mateus, bem como nas regras de boa conduta dos demais evangelhos sinóticos e nas cartas; porém, esse enfoque foi aprofundado no livro *Introdução ao estudo das leis na Bíblia*,¹⁰ no volume 4 da Terceira Série: Bíblia como Literatura.

O gênero *profético* encontra-se nos discursos sobre a ruína de Jerusalém, o fim do mundo. Em todos esses gêneros literários são relidos textos do Primeiro Testamento, situados em novos contextos existenciais, e dão nova interpretação ao texto original e unidade às Escrituras.

¹⁰ SOARES, P. S. *Introdução ao estudo das leis na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2013.